

“Nossa Senhora lá vem do céu”: um estudo sobre os aspectos históricos da devoção a Nossa Senhora da Glória em Valença – RJ

“Nossa Senhora lá vem do céu”: a study about the historical aspects of the devotion to Our Lady of Glory in Valença – RJ

Gabriel Moreira Medeiros Laureano

Como citar esse artigo. LAUREANO, G. M. M. “Nossa Senhora lá vem do céu”: um estudo sobre os aspectos históricos da devoção a Nossa Senhora da Glória em Valença – RJ. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 3, Edição Especial p. 15-24, set./dez. 2024.

Resumo

O presente artigo busca compreender a devoção a Nossa Senhora da Glória em Valença, interior do Rio de Janeiro e suas singularidades. A partir da comparação entre a tradição em torno da origem da imagem de Nossa Senhora da Glória e a linguagem textual das vidas dos santos medievais (Legendas), busca-se demonstrar que esta devoção guarda profundas relações com os povos indígenas comumente conhecidos por Coroados, levando em conta o momento em que os territórios do atual município começaram a ser ocupados, no início do século XIX. Para tanto, foi consultada bibliografia específica sobre o tema e documentação de época contida em duas obras de memorialistas locais: “História de Valença” de Luis Damasceno e “Valença de Ontem e de Hoje” de Leoni Lório. Bem como foram consideradas algumas fontes imagéticas. Esperamos contribuir para futuras investigações em torno do papel desempenhado pelos indígenas, enquanto protagonistas na construção da História local e mesmo da identidade religiosa.

Palavras-chave: Virgem Maria, Coroados, Valença.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This article seeks to understand the devotion to Nossa Senhora da Glória in Valença, in the interior of Rio de Janeiro and its singularities. From the comparison between tradition around the origin of the image of Nossa Senhora da Glória and the textual language of the lives of medieval saints (Legends), we seek to demonstrate that this devotion has deep relationships with the common indigenous peoples known as Coroados, taking into account the moment when the territories of the current municipality started to be occupied in the beginning of the 19th century. For that, specific bibliography on the subject and period documents contained in two works by local memorialists were consulted: “História de Valença” by Luis Damasceno and “Valença de Yesterday and Today” by Leoni Lório. As well as some imagery sources were considered. I hope to contribute to the future around the role played by indigenous peoples as protagonists in the construction of local history and even religious identity.

Keywords: Virgin Mary, Coroados, Valença.

Introdução

O presente artigo busca analisar os aspectos históricos da devoção popular em relação a Nossa Senhora da Glória em Valença, interior do Rio de Janeiro. A preocupação com esta temática se desenvolveu a partir de nossa vivência na dita cidade, bem como em função da proximidade com a comunidade paroquial reunida em torno da Catedral. A partir destes dois elementos, surgiu a necessidade de melhor conhecer e investigar especificamente as raízes da devoção mariana na cidade.

Afiliação dos autores:

¹Licenciado em História (Universidade de Vassouras), Licenciado em Geografia (UERJ), Mestre em História (UFRRJ) e Doutorando em História (UFRRJ), Brasil.

Email de correspondência: gmmlaureano@gmail.com

Recebido em: 19/09/2023. Aceito em: 22/02/2024.

É conhecido que a origem mesma de Valença está diretamente relacionada a uma primitiva capela dedicada a Nossa Senhora da Glória construída nos primeiros anos do século XIX. Posteriormente, a capela original deu lugar a outras construções com materiais mais resistentes, o prédio sofreu diversas alterações até adquirir as características atuais. A capela original, provavelmente, estava localizada naquilo que à época era o centro do aldeamento dos indígenas Coroados, uma iniciativa inserida no intenso processo de ocupação do Vale do Paraíba.

Em vista disso, nosso principal objetivo é investigar a relação entre os indígenas e a devoção a Nossa Senhora da Glória, bem como analisar a citada devoção a partir da perspectiva comparativa com o estilo dos textos hagiográficos medievais. Nesse sentido, refletimos sobre a utilização do conceito de medievalismo e suas implicações ao pensar esta relação. Mas o que é exatamente medievalismo? Em termos genéricos podemos definir esta tendência epistemológica oriunda do mundo anglófono como: “a investigação acerca das diferentes formas sob as quais a Idade Média foi apreendida e construída por períodos posteriores” (TEMPONI; GUERRA, 2019, p. 492). Logo, medievalismo não se trata de um conjunto de estudos sobre a Idade Média, mas sim, em como a Idade Média foi apropriada e também ressignificada por outras culturas, em distintas temporalidades. A discussão que se faz em torno da aplicação deste conceito nos estudos medievais atualmente é vasta e complexa, vale destacar o artigo de Marcelo Berriel (2020, p. 70), no sentido de defender a necessidade de um “medievalismo à brasileira”, ou seja, em uma perspectiva que não deve, simplesmente, se utilizar dos conceitos prontos vindos de fora e nem de interpretar a América sob o ponto de vista Europeu de uma “longa Idade Média”, como expresso na obra do francês Jérôme Baschet (2006). Desse modo, Berriel entende que é preciso e possível falar em um medievalismo brasileiro, exemplificado por ele pela análise das cavalhadas, que apesar de certos elementos inspirados na Idade Média, trata-se de algo genuinamente brasileiro (BERRIEL, 2020, p. 90). Diante do exposto, o que se pretende fazer neste artigo é ainda um simples experimento de medievalismo, considerando alguns elementos medievais europeus como elementos inspiradores para a formação de uma devoção, que guarda características próprias com o Vale do Paraíba do século XIX no Brasil.

A metodologia consistiu em análise das fontes imagéticas e bibliografia a respeito do tema, sendo algumas obras com transcrições de fontes importantes para a história local. Especificamente: “História de Valença” de, Luiz Damasceno, e “Valença de Ontem e de Hoje” de, Leoni Iório. Ambos os autores foram memorialistas e, em suas obras, reuniram farta documentação de época.

O artigo está dividido em duas partes, a saber: discussão sobre a devoção mariana no Cristianismo, com destaque para o episódio de sua Assunção ao céu, e o caso específico das origens do culto a Nossa Senhora da Glória ainda na, então, Aldeia de Valença.

A festa da Assunção de Maria ao longo da História

A Assunção de Maria foi confirmada no dogma proclamado em 1950 pelo Papa Pio XII, mas até a confirmação realizada pelo Sumo Pontífice da Igreja Católica, no século XX, esta tradição foi debatida exaustivamente pelos teólogos e tem sua origem remontando aos primeiros séculos. Desse modo, buscaremos apresentar aqui o processo do desenvolvimento da festa da Assunção, desde a Antiguidade até sua manifestação na América, com maior destaque para a Idade Média, quando a devoção mariana, mesmo que inserida já em uma tradição construída na Antiguidade, passou por uma grande intensificação e mesmo transformação: servindo, por exemplo, como modelo de vida para diversos setores da sociedade (Cf. IOGNA-PRAT; RUSSO, 1995).

Jacques Le Goff (2013), ao escrever uma breve biografia da Virgem Maria, enquanto uma personalidade popular no medievo, considera sua inserção no cristianismo primitivo como cumprimento da necessidade de uma figura feminina até então completamente ausente. A figura de Maria também teria uma repercussão positiva junto ao crescente número de conversos nos primeiros tempos do cristianismo. O século V, por outro lado, foi decisivo:

O culto marial desenvolveu-se inicialmente no Oriente, no mundo bizantino, a partir do Concílio de Éfeso (431). No Ocidente, ele começou a afirmar-se na época carolíngia (fim do século VIII-início do século IX), sobretudo por ocasião do grande impulso da cristandade, do século XI ao XIII. A liturgia em muito contribuiu para essa promoção – em particular, o campo musical e artístico (LE GOFF, 2013, p. 391).

O Concílio, mencionado pelo autor no trecho acima, trouxe a conhecida titulação de Maria Mãe de Deus e foi um marco importante para a confirmação de Maria no âmbito institucional e na teologia oficial, digamos assim. Gradualmente, ela ganhou mais importância, pois se tornou um modelo para as mulheres, enquanto uma nova Eva, ainda, sendo invocada em diversas situações, a exemplo da relação estabelecida pelos fiéis com os diferentes santos, porém mais poderosa. Le Goff a classifica enquanto uma “santa total” (LE GOFF, 2013, p. 395). Diferentemente de um santo comum, que teria sua atuação especializada em um determinado problema, Maria poderia resolver toda e qualquer situação.

A partir do século XIII, Maria recebeu outros títulos para além de Mãe de Deus, como por exemplo: rainha, mediadora, Imaculada Conceição (trata-se de uma festa celebrada no século XI, na Inglaterra, e não do dogma em si, que só foi definido muitos séculos mais tarde) e também de assunta ao céu. A tradição religiosa sobre a elevação de Maria ao céu em corpo e alma só reforçou o seu papel intercessor privilegiado junto a seu filho Jesus, ao mesmo tempo em que confirmava crença central do Cristianismo na ressurreição, antecipada em Maria.

Segundo Maria Manuela de Carvalho, há a possibilidade de se afirmar que a Assunção ou dormição/morte de Maria era celebrada antes do século VII. A autora menciona um Evangelho Apócrifo, em que se retrata a definição de uma data para a celebração da morte de Maria pelos apóstolos. Há ainda a tradição religiosa de outras igrejas (Copta, Bizantina, Siríaca e de Jerusalém), em que o chamado Trânsito de Maria fazia parte do calendário litúrgico anual. Já no caso do Ocidente, existem relatos que remontam à celebração ocorrendo no século V, em Roma, e que sua difusão para demais regiões da Europa se deu entre os séculos VII e VIII (CARVALHO, 1995, p. 26-28).

Durante a Idade Média, a Catedral de *Notre Dame* de Paris se tornou um grande centro difusor da celebração da Assunção. Sobre tal liturgia, Miri Rubin relata:

Mary's feasts, above all the Assumption, drew large crowds to the cathedral and were attended by great clergymen, rich merchants and royal officials. The vespers of the Assumption in the early thirteenth century combined plainchant and polyphony. As we have seen, the Assumption liturgy was rich in antiphons based on the Song of Songs and punctuated by psalms that dramatized Israel's faith and love of God. The antiphon preceding the Magnificat extols Mary's work in unmaking Eve's: 'The gate of Paradise was closed to all by Eve, and was opened again by Mary, Alleluia.' Mary was celebrated in music as a dynamic agent of salvation on this her greatest Feast (RUBIN, 2009, p. 194)¹.

Os textos litúrgicos e as músicas cantadas no coro das igrejas com polifonia foram acompanhados pela frutuosa imagética dedicada a retratar Maria nos diversos momentos de sua vida (como a própria Dormição e Assunção), bem como as coletâneas de milagres. Os milagres foram elementos importantes na formalização do processo de canonização entre os séculos XIII e XIV e sua centralização em torno da Santa Sé, pois se tornaram evidências indispensáveis para o reconhecimento oficial da santidade de alguém (VAUCHEZ, 1988, p. 81). Embora Maria não precisasse passar por processo semelhante, podemos

¹ As celebrações de Maria, sobretudo a Assunção, arrastaram grandes multidões para a Catedral e eram realizadas por grandes homens do clero, ricos mercadores e oficiais da Coroa. As Vésperas da Assunção no início do século XIII combinou cantochão e polifonia. Como vimos, a liturgia da Assunção era rica em antífonas baseadas no Cântico dos Cânticos e pontuada por Salmos, que dramatizavam o amor a Deus e a fé de Israel. A antífona precedente ao Magnificat exalta Maria ao desfazer o trabalho de Eva: “O portão do Paraíso foi fechado a todos por Eva, mas foi aberto novamente por Maria, Aleluia”. Maria foi celebrada na música, como uma agente dinâmica da salvação nesta sua festa maior. Tradução livre.

dizer que ela foi interpretada à semelhança dos santos e, inclusive, seus supostos milagres foram reunidos e divulgados.

Miri Rubin apresenta dois grandes grupos de relatos: milagres envolvendo a conversão de Judeus, registrados na obra *“Miracles de Notre Dame”*, de autoria do monge beneditino francês Gautier de Coinci (1177-1236), e os milagres inseridos na vida cotidiana, que aparecem na coletânea *“Cantigas de Santa Maria”*, de autoria do rei Afonso X de Leão e Castela (RUBIN, 2009). Além das obras supracitadas, a famosa *“Legenda Áurea”*, de Jacopo de Varazze, publicada pela primeira vez em 1265, também merece destaque. Trata-se de uma obra contendo a vida de diversos santos de acordo com a data em que eram celebradas suas memórias na liturgia de época, porém o autor incluiu também aí algumas festas marianas: Natividade, Purificação e Assunção. Vejamos o registro sobre a Assunção:

Um livro apócrifo atribuído a São João Evangelista informa sobre as circunstâncias da assunção a bem-aventurada Virgem Maria. Enquanto os apóstolos percorriam as diferentes partes do mundo para pregar, a Virgem beata permaneceu, pelo que se diz, em uma casa perto de monte Sião. Enquanto viveu, visitou com grande devoção todos os locais que lhe lembravam seu filho, como os que testemunharam seu batismo, seu jejum, sua prece, sua Paixão, seu sepultamento, sua Ressurreição e sua Ascensão. Segundo Epifânio, a bem-aventurada Virgem tinha catorze anos quando concebeu Cristo, quinze quando o pôs no mundo, viveu com ele 33 anos, sobreviveu 24 anos à morte e Ascensão de seu filho, estava com 72 quando morreu. Contudo, o que se lê em outros lugares parece mais provável: que ela sobreviveu doze anos a seu filho e era sexagenária quando de sua Assunção, pois os apóstolos levaram exatamente doze anos pregando na Judéia e nas regiões vizinhas, segundo a História Eclesiástica (VARAZZE, 2003, p. 657).

O autor da Legenda Áurea inicia assim o seu capítulo dedicado a *“A Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria”* citando um Evangelho Apócrifo atribuído a João, em que constam os relatos deste episódio. Em nota de Franco Hilário Jr., o referido livro é, originalmente, um texto grego do século IV e que foi traduzido para o latim em 1933 (VARAZZE, 2003, p. 657). O relato é semelhante àquele que aparece no texto *“De Transitus Virginis”*: Maria é avisada de sua morte por um anjo, requisita a presença dos apóstolos junto de seu leito, eles assim o fazem, ela tem sua alma levada por Jesus, o corpo é sepultado e depois de alguns dias (aqui residem muitas controvérsias) ele não mais é encontrado no sepulcro, pois havia sido levado aos céus. A figura de Tomé aparece em algumas versões como uma confirmação da Assunção, pois ele recebe da Virgem um cinto, que ela o entrega como prova de que está no céu. Outrossim, a Legenda Áurea traz diversos milagres realizados pela Virgem, no estilo das demais coletâneas mencionadas, e sermões de grandes nomes do cristianismo – como João Damasceno e Dionísio Aeropagita – a fim de sustentar seu relato.

E cabe indagar ainda: como foi o processo de implementação deste culto no Brasil? Sabemos, evidentemente, que a fé católica e suas devoções foram trazidas pelos colonizadores portugueses no século XVI, mas existem alguns detalhes interessantes em relação à questão da Assunção. O culto à Assunção de Maria, enquanto Nossa Senhora da Glória, era tradição em Portugal ao lado de Nossa Senhora da Conceição e, já em 1503, foi construída uma igreja dedicada a este título de Maria, em Porto Seguro (COSTA, 2017, p. 1982). As diferentes devoções marianas se espalharam pelos territórios da América Portuguesa e demais colônias, tornando-se populares mesmo que tenham sido impostas a partir de ordenações da Coroa (COSTA, 2017, p. 1986).

Por fim, a proximidade de Maria em relação à linguagem e mecanismos, também atribuídos aos santos durante a Idade Média, ficam aparentes a partir das obras já citadas, e formam elemento central para esta pesquisa. A cada nova titulação recebida por Maria, é como se seu papel na economia da salvação fosse mais uma vez confirmado, atualizado e, conseqüentemente, viesse acompanhado por novos relatos de milagres e prodígios, que dariam ali a legitimidade àquele culto e funcionariam também como seu

elemento fundador. E mesmo que em menor escala, identificamos uma dinâmica semelhante no caso de Nossa Senhora da Glória de Valença, sobre o qual nos deteremos a seguir.

Os indígenas coroados e Nossa Senhora da Glória em Valença

As origens de Valença estão associadas ao processo de ocupação do Vale do Paraíba, que se iniciou em fins do século XVIII e se desdobrou ao longo do século XIX. Foram responsáveis por levar à conquista da região de Serra Acima, grosso modo, pela expansão da cafeicultura e pelos caminhos que cruzavam a região, ligando-a com as Minas Gerais (NOVAES, 2008, p. 5). Porém, os diversos colonos que chegaram até a região não a encontraram vazia, pois ali viviam diversos povos indígenas – alguns deles provenientes das regiões litorâneas e que encontraram nas serras um abrigo contra o avanço da colonização portuguesa (DEAN, 2018, p. 82). As origens de Valença estão inseridas exatamente aí, neste contexto: sabe-se que em 1798, alguns homens foram instruídos a lidar com os coroados, a fim de conseguirem então ocupar efetivamente a região. Foram eles, o fazendeiro José Rodrigues da Cruz, o capitão Ignácio de Souza Werneck (que em seus últimos anos ordenou-se padre) e também o padre Gomes Leal, responsável direto pelo início da catequese dos indígenas, seu aldeamento, bem como pela assistência religiosa da região. Não é nosso objetivo, neste artigo, detalhar a História de Valença, pois nossa atenção se volta ao caso específico dos coroados que estiveram presentes nos primeiros momentos da dita cidade.

Marcelo Sant’ana (2004, p. 47) escreveu uma dissertação a respeito dos povos indígenas do Vale do Paraíba, que é referência no assunto e, sobre os coroados, afirma que os chamados coroados eram, na visão dos colonizadores e viajantes europeus, todos aqueles que cortavam o cabelo, fazendo parecer assim uma coroa. Trata-se de uma nomenclatura genérica, por isso é importante identificar este povo, a partir de sua relação com território ocupado por eles, antes e depois da chegada dos colonizadores. Território este que foi sendo gradualmente limitado, à medida que apertava o cerco da colonização, por meio do estabelecimento de novas sesmarias e demais aparatos administrativos e hierárquicos.

À época da formação da Aldeia de Valença, a imagem dos coroados era muito positiva, pois estes se relacionavam bem como os colonizadores, faziam comércio, trocavam itens etc. Este aspecto, aponta Lemos, levou a um tratamento diferenciado para com os coroados, a princípio, especialmente por meio da ação de José Rodrigues da Cruz, que lhes era muito próximo (LEMOS, 2004, p. 107).

A Aldeia de Valença, fundada por volta de 1804, não foi formada para atender aos interesses coroados. Lemos (2004, p. 123) aponta que ela funcionou como “um espaço de negociação”, ou seja, os indígenas que aceitavam receber o batismo viam uma oportunidade de estar mais próximo daquela comunidade e assim, se relacionar com as famílias do colono e realizar trocas. Viver propriamente na Aldeia de Valença era abandonar suas características étnicas e adotar aquele do colonizador. Isto, segundo o autor, explica o fato de que existiam poucos coroados vivendo efetivamente nos limites da Aldeia de Valença, pois uma grande maioria tentou manter seu modo vida, em áreas mais afastadas. Observam-se aí as estratégias de resistência dos coroados.

A construção central da Aldeia de Valença, seguindo a tradição urbanística portuguesa, era exatamente a capela dedicada a Nossa Senhora da Glória, cuja tradicional descrição encontramos na obra de Luiz Damasceno Ferreira (1925, p. 7):

[...] sendo ahi edificada uma pequenina Capella sob a invocação de N.S. da Gloria, capella essa firmada sobre toscos esteios de madeira, com paredes de palmitos e ripas ligadas por cipó imbé, emboçadas de ligeiras camadas de barro e coberta com ramos de palmeiras. Ao lado d’essa capella, protegido por uma cêrca, um pequeno espaço de terra servia de cemitéio, em cujo centro elevava-se uma modesta cruz de madeira.

Os indígenas que aceitaram viver na Aldeia conformados aos hábitos e costume dos colonizadores,

logo passaram por tempos difíceis, a partir de 1815: neste ano, acredita-se que tenha morrido José Rodrigues da Cruz, seu protetor de longa data. E é neste ponto da História de Valença, que ocorre um impasse entre os coroados e outros indivíduos em torno da posse da terra, vejamos. O padre Manuel Gomes Leal solicitou para seu criado, chamado Florisbello Augusto de Macedo, a área da Aldeia como sesmaria. Porém, o padre faleceu em 1813 e seu criado em 1815. Neste mesmo ano, um homem chamado Eleutério Delfim reclamou para si as terras da Aldeia e, com isso, se iniciou um conflito pela posse da terra, que durou até 1819 (IÓRIO, 2013, p. 34). Leoni Lório (2013), em sua obra “Valença de Ontem e de Hoje”, transcreveu alguns documentos, que nos oferecem uma boa compreensão do assunto. Os indígenas buscaram apoio em figuras mais prestigiadas, como é o caso do padre Ignácio de Souza Werneck e pediram que seu depoimento fosse reunido junto ao requerimento enviado ao rei D. João, para que dispusesse sobre o litígio.

Em requerimento datado de 1816, constam os seguintes escritos de Werneck:

[...] com a sesmaria que requereu Eleutério Delfim n’aquelle mesmo logar, e obteve a sua concessão pelo Desembargo do Paço, ficando a igreja sem terreno algum em roda para casas dos moradores do sertão; e parochio sem lugar para a sua residência, e os indios sem asylo algum proprio. Tudo passa na verdade; e por esta me ser pedida passei de minha letra e signal, e o juro *inverbo sacerdotis* (IÓRIO, 2013, p. 32).

Mais adiante o padre prossegue:

Parece justo não persistir a sesmaria tirada e medida sobre as terras decretadas para o aldeamento, construcção da matriz já principiada, e onde se celebra o santo sacrificio da missa e se administra o pasto espiritual a toda a freguezia, além, de que esta matriz carece ter uma extensão de terras para os lados, não só para se organizar maior população, como mais reverência ao santuario. Por cujas razões parece justo, conservando o territorio para o aldeamento indiatico porque não é tão pequeno o número de indios que ainda existe, além da produção annual. Embora queiram alguns certificar o contrario, porém estes fallam interessados nas terras indiaticas, e eu fallo sem interesse algum, pois moro e vivo na capitania de Minas, e como é publico o quanto v. exma ampara esta nação afim de congraçarem unanimemente com a religião catholica, além de v. ex. revma. ser dotado de um animo cheio de piedade, é por isso que me deliberei a levar á respeitável presença de v. ex. revma. esta minha exposição que parece justa.

O depoimento do padre Werneck é muito elucidativo, pois ele rebate outras versões da situação da Aldeia, que apontavam para uma quase inexistência de indígenas afirmando que seus autores assim a descreviam com base em interesses econômicos. Lemos (2004, p. 167) confirma esta perspectiva ao apresentar um caso, em que Luiz Manoel Pinto Lobato, Sargento-Mor, acusou o guarda-mor Francisco Dyonisio de “querer utilizar os índios para ele conseguir uma sesmaria em Tanguá, onde os silvícolas tinham uma aldeia, em troca de ficarem na sesmaria pretendida por Eleutério”. Apenas em 1819, é que D. João VI, enfim, resolveu a disputa a favor dos coroados e lhes reafirmou a posse da terra (IÓRIO, 2013, p. 39).

Embora a situação dos indígenas não tenha melhorado absolutamente em nada após a resolução, em 1823, pois estando a ocupação da região mais avançada e tendo ocorrido também a elevação à Vila, o conceito da antiga aldeia dos coroados foi desaparecendo por completo (ALVARENGA, 2022). Chama atenção a estratégia argumentativa utilizada nos requerimentos acima citados e nos demais, que podem ser consultados na obra de Lório (2013), que utilizam constantemente a capela já construída como prova inconteste da posse por parte dos coroados em detrimento de Eleutério. Os registros supostamente

escritos a pedido dos coroados, que não eram alfabetizados, não citam especificamente a figura de Nossa Senhora da Glória como uma protetora, mas nas entrelinhas podemos observá-la atrelada não só à capela, como também à toponímia do lugar: Aldeia de Nossa Senhora da Glória da Valença.

E esta relação entre Nossa Senhora da Glória e os coroados em Valença se estreita ainda mais quando consideramos a lenda que permeia a história da imagem original, lenda esta que, se inserida no contexto dos indígenas coroados, já exposto, seu sentido adquire diferente realce.



Figura 1. Imagem original de N.S. da Glória e texto contendo a lenda em torno de sua origem.

Fonte. Lyra, 2006.



Figura 2. Imagem de Nossa Senhora Glória que se encontra no Altar-Mor da Catedral, datada de 1862

Fonte. Lyra, 2006.

Na Figura 1, podemos observar uma foto da imagem original da Nossa Senhora da Glória retirada do livro “A renovação de uma Catedral”, lançado em 2006, que traz informações a respeito da história da Catedral e seus elementos arquitetônicos. A obra foi organizada em função da grande reforma pela qual passou o prédio em 2004. A imagem representada na Figura 1 fica guardada no acervo de arte sacra da Catedral, ao longo de todo ano, e sai em procissão no dia 15 de agosto, quando se celebra a Solenidade da Assunção de Maria. Já a Figura 2, traz a imagem de Nossa Senhora da Glória, que atualmente se encontra no altar-mor da Catedral em Valença, embora seja mais popular devido ao seu estilo, sua origem é posterior (provavelmente de 1862). Claramente as duas imagens de Nossa Senhora da Glória presentes em Valença apresentam características de Nossa Senhora da Assunção, devido à ideia de movimento transmitida por seus braços elevados ao céu e movimento das vestes, dando a impressão de que quiseram capturar o exato momento de Maria sendo levada aos céus pelos anjos.

Enquanto conhecemos as informações sobre a imagem do altar-mor, as origens exatas da imagem original são incertas. As únicas referências possíveis estão na tradição em torno dela: acredita-se que tenha sido trazida de Portugal pelas mãos de um devoto que foi atendido por um milagre. Aqueles que visitam o acervo de arte sacra da Catedral podem observar bem aos pés da imagem um informe datado de 1956, que traz a famosa tradição (Figura 2). O breve texto intitulado “Imagem de Nossa Senhora da Glória – sua origem histórica” diz:

Esta verdadeira relíquia dos valencianos é aqui venerada, há mais de 140 de ano, percorrendo em procissão as ruas da cidade em artístico andor, na data tradicional de 15 de agosto, o dia dos valencianos. Conta-nos a história que “um colono português contraíra matrimônio com uma índia – coroado – nos princípios do século XIX. Dessa união houve um filhinho. Acometida a criança de gravíssima a enfermidade, seu pai fez com o coração em desespero, a promessa de mandar vir de Portugal uma imagem de Nossa Senhora da Glória, se o menino se salvasse. Alcançado o milagre, a promessa foi cumprida”. -15-8-1956-

Há, na breve narrativa acima, pelo menos dois aspectos a serem delineados, quais sejam: 1) dimensão histórica e 2) outro, que pertence ao âmbito daquilo que se denomina lenda ou lenda. Sobre o aspecto histórico, o texto transmite o casamento entre um português e uma indígena proveniente do povo dos coroados, refletindo bem a dinâmica de ocupação do Vale do Paraíba e da formação da Aldeia de Valença, no sentido da aculturação que se operou em torno dos indígenas. Inclusive, esta “esposa” citada na história é a representação ideal daquele coroado que habitava permanentemente na Aldeia e, em troca, teve que deixar sua cultura e seu modo de vida para trás. Esta união entre colonizador e indígena, pacífica como representada na história, cristaliza talvez um ideal da época, que não se aproximou da realidade que chega até nós. A própria situação dos coroados em 1815 é descrita como terrível, pois os indígenas eram alvo de grandes perseguições.

Por outro lado, há o aspecto da lenda. Mas o que exatamente significa esse contexto? Lenda é o termo atribuído especialmente à vida dos santos e santas, pois é um texto que não se propõe a ser fiel aos fatos e aos detalhes, mas sim, ideal e repleto de ideais. A Lenda serve para edificar, para inspirar, para dar exemplo, para motivar as pregações e, é claro, também para sustentar e propagar um culto a um determinado santo ou santa (DOSSE, 2009, p. 140-141). De fato, já pudemos expor que a Virgem Maria não se equipara aos santos comuns, mas ainda assim, acreditamos que a leitura a seu respeito tenha sido feita utilizando a mesma lente que para os demais santos. Por isso, nos relatos sobre Maria, encontramos também um gênero textual que muito se assemelha ao das Legendas.

Voltemos então ao caso de Nossa Senhora da Glória, a história sobre sua imagem traz um elemento indispensável da Lenda: o milagre. A origem mesma da imagem está ligada a uma promessa feita pelo português a Virgem Maria, pedindo a ela que restituísse a saúde a seu filho. Alcançada a graça da cura, o homem fez trazer, de Portugal, uma imagem de Nossa Senhora, especificamente de Nossa Senhora da Glória.

Acreditamos que os laços entre os coroados e Nossa Senhora da Glória tenham se firmado definitivamente no momento de luta pela manutenção das terras da aldeia, citado anteriormente, pois ali se destacou um elemento identitário: os coroados de alguma forma se identificavam àquela terra, mesmo que ela não fosse mais delimitada pelos seus critérios tradicionais e sim, pelos critérios dos colonizadores. Inseridos naquela nova realidade, provavelmente os coroados tenham visto naquele momento da disputa o pouco que lhes restava de alguma estabilidade em grave risco e, para tanto, recorreram aos personagens fundadores da Aldeia, para dar-lhes apoio (como o então opadre Werneck) e ainda, à figura da pequena capela de Nossa Senhora da Glória.

A devoção a Nossa Senhora da Glória, mesmo que tenha sido trazida pelos colonizadores que subiram a serra em direção ao Vale do Paraíba, ganhou em Valença uma profunda singularidade. Os próprios elementos artísticos não se conformam aos gestos e símbolos tradicionais do título “da Glória”, mas operam uma mescla deste com aqueles que constituem o “da Assunção”: vestes em movimento e braços erguidos em direção ao céu. Por outro lado, a lenda sobre a origem da imagem (mesmo que atualmente já não seja tão celebrada) traz um milagre de Maria bem próximo do cotidiano oitocentista do território municipal, tendo por cenário, não as paisagens temperadas e mediterrâneas europeias, mas sim a Mata Atlântica brasileira em meio à violenta ocupação do Vale do Paraíba. É importante que outras pesquisas mais aprofundadas e com mais robustez teórica, sejam realizadas em torno desta temática.

Considerações finais

Até, aproximadamente, as décadas de 1830/1840, a presença destes povos originários foi marcante na, então, Aldeia de Nossa Senhora da Glória de Valença e acreditamos que a veneração a este título de Maria tenha feito parte, não somente do processo de aculturação dos coroados, que visava inseri-los no modo de vida dos colonizadores, bem como de uma justificativa capaz de assegurar-lhes a posse de uma porção de terra onde poderiam viver sem serem molestados em meio ao conflito que se deu entre 1815 e 1819.

Este olhar mais particular em relação a Nossa Senhora encontra justificativa em pelo menos dois aspectos, que também contribuíram, em grande medida, para a reflexão conduzida neste artigo. Vejamos: primeiramente, as duas esculturas de Nossa Senhora da Glória presentes na Catedral de Valença conservam características um tanto quanto singulares tendo vista às tradicionais representações encontradas na arte sacra. Em segundo lugar, além das dimensões estruturais e artísticas presentes já citadas, destaca-se ainda o aspecto legendário/lendário em torno da imagem mais antiga, expresso pela história ligada à tradição oral, que explica como a escultura de Nossa Senhora da Glória chegou até o atual território de Valença. Este clássico relato se assemelha às lendas encontradas nos relatos da vida dos santos e mesmo em outras devoções marianas. Por isso mesmo, não o entendemos enquanto um relato que se pretende fiel historicamente, mas sim, uma narrativa profundamente simbólica com fins de instaurar as bases fundadoras de um culto, que esteve profundamente relacionado aos primeiros habitantes da terra.

O presente artigo é um esforço ainda superficial para tratar de um tema que precisa ensejar mais estudos, em um futuro próximo. Aqui buscamos apontar como a figura de Nossa Senhora da Glória em Valença guarda especificidades que vão para além da devoção tradicional e, também, buscamos chamar a atenção para o papel dos indígenas na construção dessas singularidades. Cabe agora, porém, questionar com mais fôlego o porquê de tais elementos estarem tão ausentes e praticamente apagados da História e da Memória da cidade de Valença.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- FERREIRA, Luiz Damasceno. **História de Valença (Estado do Rio de Janeiro). 1803-1924**. Valença: S/E, 1925.
- IÓRIO, Leoni. **Valença de ontem e de hoje (subsídios para História de Valença) 1789-1952**. Valença: Jorge Luiz Dutra Iório, 2013.
- IOGNA-PRAT, Dominique; PALAZZO, Eric; RUSSO, Daniel. **Marie, le culte de la Vierge dans la société médiévale**. Paris: Beauchesne, 1997.
- VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea: vida de santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Bibliografia:*
- ALVARENGA, Felipe de Melo. Por um Vale do Paraíba indígena: conflitos étnicos e a transformação da propriedade dos índios em Valença (1780-1835). **Rev. Hist.** (São Paulo), n.181, 2022. Pp. 1-45.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- BERRIEL, Marcelo Santiago. Pour un autre moyen âge au Brésil: a perspectiva decolonial na busca de uma episteme para a compreensão dos medievalismos brasileiros. **Antíteses**, Londrina, v.13, n. 26, p. 068-096, jul-dez. 2020.
- CARVALHO, Maria Manuela de. A Assunção da Virgem Maria no debate teológico. **Humanística Teologia**, 1995, 15, 25-44.
- COSTA, Neffertite Marques da. As devoções portuguesa e espanhola na implantação do culto a Maria no Brasil. **VIII Congresso Internacional de História**, XII Semana de História, Outubro de 2017. Pp. 1978-1986.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo – a história e devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. São Paulo: USP, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- LEMOS, Marcelo Sant’ana. **O índio virou pó de café? A resistência dos índios Coroados de Valença frente à expansão cafeeira do Vale do Paraíba (1788-1836)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- NOVAES, Adriano. **Os caminhos Antigos do Território Fluminense**. In: Inventário das fazendas fluminenses, tomo I, INEPAC, 2008.
- RUBIN, Miri. **Mother of God: a History of the Virgin Mary**. New Haven: Yale University Press, 2009.
- TEMPONI, Eduarda Moysés; GUERRA, Luiz Felipe Anchieta. Medievalismo: uma breve introdução. **Temporalidades – Revista de História**, ISSN 1984-6150, Edição 31, v. 11, n. 3 (Set./Dez. 2019).
- VAUCHEZ, André. **La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques**. Roma: École française de Roma, 1988.